

### **Joaquim Manoel Guedes Sobrinho**

1932 ★ 2008

Arquiteto e professor, Joaquim Manoel Guedes Sobrinho formou-se na terceira turma da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1954. Trabalhou com o Padre Le Bret, participando da fundação da Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS). Participou do concurso para escolha do projeto do Plano Piloto de Brasília em 1956, associado a Liliana Guedes, Carlos Milan e Domingos de Azevedo.

Foi professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP onde se aposentou como Professor Titular. Em 1968 participou da coordenação do PUB, Plano Urbanístico de São Paulo. Sempre esteve presente nos debates relacionados às questões arquitetônicas e urbanas do país.

Um dos principais nomes da arquitetura moderna brasileira, produziu aproximadamente 500 projetos, onde se destacam as residências Cunha Lima (1958), Waldo Perseu Pereira (1967), Liliana Guedes (1968), Ana Mariani (1976) e Pedro Mariani (1999). Desenvolveu também projetos urbanísticos como os de Caraíba e Barcarena. Defendeu e produziu uma arquitetura de extremo rigor, definida por ele como construções com linguagens próprias e que criavam novos significados.

Em junho de 1993 Joaquim Manoel Guedes Sobrinho concedeu uma entrevista para Jean-Paul Dollé publicada originalmente na Revista francesa *Lumière de la ville*.

Paula Katakura\*

---

\*Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Urbanismo do FIAM-FAAM Centro Universitário desde 2013. E-mail: Paula.katakura@fmu.br

## Tradução de Paula Katakura

### Entrevista com Joaquim Manoel Guedes Sobrinho



Fonte: vistadoobservador.blogspot (recorte)

### O constrangimento da verdade<sup>1</sup>

**Joaquim Guedes:** Desde o início, sem muita consciência, comecei a fazer uma arquitetura diferente daquela que meus colegas faziam, que poderia ser uma decorrência da família e do lugar em que nasci. Diante de uma sociedade que muda enormemente no Brasil, eu deveria reinventar respostas atuais. Assim, ao sair da escola iniciei minha carreira de arquiteto construindo a casa de meu pai. Venho de uma família numerosa, meu pai com pouco dinheiro, 16 filhos, sendo eu o mais velho, e um pequeno terreno. Como conduzir este problema sobre um terreno muito estreito, longo e fora de padrão? Essa foi a minha experiência de pensar antes de desenhar ou desenhar pensando.

Uma grande parte do meu desenvolvimento, devo a meu pai, com noventa e três anos de idade, ainda muito lúcido, sua confiança em mim, a paciência com a qual ele acompanhou durante dois anos o lento amadurecimento do projeto, permitiu-me aprofundar a minha relação com a invenção do objeto arquitetura. Estudei filosofia no colégio e isso me deu gosto da reflexão, se bem que eu não me considero um filósofo. Conservo uma atenção muito forte em relação ao objeto e em relação ao nascimento do objeto.

Nós arquitetos somos atraídos pela moda; talvez eu tenha sido salvo pela sorte, pelas grandes dificuldades e responsabilidades deste primeiro projeto.

Em 1957, decidi participar do concurso para a cidade de Brasília, numa parte do país ainda absolutamente inexplorada na época.

Eu, ainda muito jovem, reuni um grupo de diversos especialistas: sociólogos, economistas, engenheiros de estradas, de vias férreas, de energia, de águas e florestas,

---

<sup>1</sup> Tradução de Paula Katakura da entrevista La *contrainte de la vérité*, publicada originalmente na Revista Lumière de la ville n. 7, Paris, jun./1993.

de clima... “Se ainda não há habitantes na região, nós não sabemos o que pensar”, diziam os sociólogos e os economistas; então nós, os arquitetos, acabamos ficando sós, pensando, imaginando quais poderiam ser os contornos sociais dessa cidade e seu desenvolvimento, pois alguns parâmetros já haviam sido estabelecidos pelo governo. Os funcionários, que seriam os habitantes da cidade, tinham um perfil: certas características de comportamento em relação ao trabalho, um certo nível de renda, necessidades...

Apreendi muito com esse concurso e assim comecei a ser conhecido. Nosso projeto, contrariando as teorias vigentes, que recomendavam cidades limitadas, propunha uma estrutura e um desenho para que a cidade pudesse crescer livremente, como um ser vivo, os outros limitaram-na a 500.000 habitantes.

A partir deste projeto de Brasília, participei de muitos concursos para cidades novas, no meio da floresta, na zona semiárida da Bahia.

Um outro projeto, a casa Cunha Lima, 1958, pequena, sobre um terreno com inclinação de quase 100%. Sobre 30 metros descia-se 30 metros. É evidente que o problema se torna ainda mais difícil quando esse mesmo terreno tem 10m de frente por 35m de profundidade: podemos, eventualmente, abrir a casa sobre a rua ou sobre o vazio onde havia uma paisagem muito bonita, mas o sol era muito quente desse lado. Diante de tal problema, pensei: qual é o objeto, a forma e a estrutura que devo desenhar? O volume útil dessa casa deveria estar próximo à rua. Os regulamentos da Prefeitura de São Paulo obrigavam-nos a implantá-la com um certo recuo em relação à rua, desta forma o volume cairia sobre o buraco. Perguntei-me: como farei para apoiar a casa sobre o terreno lá em baixo? A resposta foi uma estrutura como uma árvore, cujos ramos sustentariam as lajes. A estrutura em concreto e muito delicada, necessária e suficiente tornou-se, ela mesma, arquitetura.

Aos 25 anos de idade, com este projeto, recebi um grande prêmio em uma Bienal Internacional de Arquitetura.

**Jean-Paul Dollé:** Do que você relata, há duas coisas que me emocionam.

No que se refere a Brasília você se fez organizador, você não é somente o que controla o projeto, mas o responsável pela obra. Quando você faz a casa de seu pai e de seus amigos, você está muito preocupado com o habitat. Você precisava compreender quem era seu pai ou seu amigo. Em geral, os arquitetos estão de um lado ou de outro, preocupados com a organização do global ou particular da casa.

**Joaquim Guedes:** Sim, não podemos imaginar uma arquitetura de uma cidade sem conhecer suas atividades e os homens que a habitarão. Quando foi preciso projetar uma cidade mineira, Caraíba, 1976, com 15.000 habitantes, a 600 km no oeste da Bahia, tive que imaginar as pessoas que ali viveriam, a partir de uma lista de 1181 empregados,

divididos em sete categorias de salários e funções. Antes da cidade existir, ela já era formada por pessoas qualificadas vindas do Canadá, Chile, São Paulo, Bahia, etc. A partir de origens e culturas tão diversas, quais seriam os perfis sociais e atividades? Era preciso inventar uma sociedade, o que fiz com uma equipe de apoio: o que quer que pensássemos, essa cidade deveria ser concebida de maneira suficientemente flexível para poder mudar livremente, ser diferente da que havíamos imaginado, tão aberta quanto possível para que pudesse se desenvolver mesmo sem nós, mesmo contra o que havíamos projetado. Alto dizia: “o homem está no centro de minha arquitetura”. É um desafio: o conhecimento do homem, suas necessidades e suas paixões.

**Jean-Paul Dollé:** Na França, houve tentativas do mesmo gênero, um pouco mais modestas: as cidades novas. Não deu muito certo. Nós percebemos que eram demasiadamente planejadas. Você encontrou essas mesmas dificuldades?

**Joaquim Guedes:** Certamente, mas eu diria que em todos os casos com os quais lidei, tudo correu bem. Primeiramente, é necessário que tenhamos consciência de que não podemos ser demasiadamente impositivos quando projetamos. Para os mineradores que iriam habitar, longe de toda a “civilização”, eu deveria fazer uma verdadeira cidade. Como proceder? De início pela escolha dos traçados? Após refletir muito, escolhemos ruas retas, direção Leste-Oeste para uma melhor ventilação, ligeiramente inclinadas, para reduzir as distâncias entre as casas e as atividades. Para uma melhor utilização dos lotes, devido aos problemas do calor, foi necessário orientar as casas de uma maneira precisa e regular em relação ao sol e aos ventos dominantes. Em função do clima desértico, nossos estudos nos levaram a desenhar as construções em torno de pátios e pequenas praças nos casos possíveis. O ar fresco aprisionado, produto da queda da temperatura noturna, não era imediatamente reaquecido nem levado pelos ventos ao nascer do sol. Além disso, tratava-se de uma cidade muito pobre e, devido ao seu afastamento de qualquer centro, era preciso garantir uma certa coesão social com uma intensa e atraente vida urbana, construindo assim, casas geminadas com alta densidade, que se protegeriam umas das outras do sol. Eu as projetei em torno de quintais internos ou pequenos pátios. Isso permitiu voltar as casas para o norte e sul, que são as duas orientações mais favoráveis, neste mesmo momento percebi ter caído sobre o eterno traçado em grelha. A partir daí eu deveria escolher as dimensões de cada casa.

Os menores lotes com 6m de frente para a rua e 30m de profundidade; duas vezes isso somam 60m, eu comecei a ter distâncias de no mínimo 60m entre as ruas. Três vezes isso totalizam 200m. Ao mesmo tempo, em relação aos automóveis, eu deveria ter no mínimo 300m de distância entre os cruzamentos. As ilhas eram separadas por ruelas

de 7m, ao passo que a cada 200 ou 300m as ruas para o tráfego mais rápido eram mais largas. Tudo isso se constituía um conjunto de decisões e de geometrias iniciais obrigatórias, inevitáveis e muito fortes.

Estudei o sítio porque a exploração do cobre colocava problemas de poluição do ar, da terra e das águas (mesmo chovendo raramente). A região era tão plana que nunca saberíamos em que sentido as águas corriam. As fotos aéreas mostravam simplesmente as nuvens. Eu sobrevoei a região durante horas e horas num helicóptero para compreender o sítio, ver as rochas, os pontos mais elevados e o perigo da erosão. Eu tentava compreender os percursos possíveis das pessoas e o que eles fariam sob aquela luz intensa e forte calor.

Nos climas desérticos, sabemos que o material para o isolamento térmico deve ser pesado. Como a argila da região não entrava em fusão à baixa temperatura, estudamos e projetamos um tijolo especial, mistura de argila e de cimento, para ser produzido no local.

**Jean-Paul Dollé:** Você tem um ponto de vista sobre a arquitetura: a arquitetura não é decoração. Isso é muito importante.

**Joaquim Guedes:** Claro.

**Jean-Paul Dollé:** Bem, ocorre-me que você tem um ponto de vista que eu diria muito ético, até mesmo jansenista? É de uma severidade, no bom sentido do termo, ético. Para você, o que conta é a resposta às necessidades das pessoas que vão habitar. O prazer da arquitetura para o autor, com sua subjetividade, deve estar subordinado a este imperativo.

**Joaquim Guedes:** Tenho um prazer imenso em ver as coisas nascerem das necessidades da vida social. É um aprofundamento afetivo. Quando isso acontece, não temos vontade nem necessidade de inventar pequenos artifícios superficiais. Porque, neste caso, as coisas tornam-se naturalmente belas.

Quando ganhei o Prêmio Internacional anteriormente mencionado pela pequena casa - você sabe, uma casa é algo feito em toda parte, no mundo todo - isso me deu uma certa confiança. E, de repente comecei a ver que as coisas que eu fazia, antes consideradas estranhas, eram igualmente admiradas por sua beleza.

E, portanto, depois de ter feito as fachadas, eu não me perguntei: é harmoniosa? A harmonia para mim não é um problema estético: para um arquiteto é a consequência de um respeito às necessidades, seja da natureza, incluindo o homem, os materiais e o sítio ou pela inteligência como diria Alberti.

**Jean-Paul Dollé:** Disso que você acaba de me dizer, há palavras que me impressionaram. Você diz que a solução deve ser necessária. Sua escolha nunca é guiada pela ideia de que aquilo será belo, mas que é a partir dessa necessidade que vem a harmonia. Isso soa como filosofia. Há uma fórmula célebre que muitos filósofos recorrem: eles falam do *constrangimento da verdade*. A verdade é impositiva. Nesta palavra *constrangimento*, não há nenhuma ideia de violência, mas um sentido de força: é o absolutamente necessário. Para Descartes qualquer coisa é verdade quando é evidentemente verdade, quando é necessariamente verdade. Então, desse ponto de vista, essa concepção da harmonia, da beleza arquitetônica como consequência de uma necessidade interna em relação à lógica das necessidades e das funções é qualquer coisa que, para mim, é extremamente preciosa. Gostaria de saber sua opinião sobre isso porque do meu ponto de vista, é a condição do habitar. Eu não falo como um arquiteto, mas como cidadão, como habitante. O que você pensa desta questão da harmonia e da felicidade, da relação com a necessidade para aquele que cria, para o arquiteto, que entra em ressonância com o sentimento de bem-estar para aquele que habita?

**Joaquim Guedes:** Você diz muito bem! De minha parte, eu não me sinto absolutamente encurralado, é uma pressão suave, amorosa. É uma relação, é mais que um controle, é a felicidade da verdade, é um constrangimento no sentido da felicidade. Gosto muito de uma expressão francesa, que é *faire de nécessité vertu*, não sei se esta expressão é correta. Quando eu era jovem, fazendo projetos completamente diferentes daqueles que faziam “a arquitetura para o futuro”, os Archigram ou Friedman, por exemplo, do qual de uma certa forma, o Centro Pompidou é a melhor tradução, eu pensava que eles nada tinham a ver com o real, com as necessidades quotidianas das pessoas. Acreditava que o presente contém geneticamente o passado e o futuro. É neste presente que desejo caminhar. Creio que a vida presente é tão rica, muito mais rica que a nossa imaginação. Eu não me interesso pelos projetos de aviões de Leonardo que não voarão jamais ou de suas máquinas de guerra. Mas creio que o Concorde, no momento em que toda necessidade é satisfeita, quando o homem é verdadeiramente capaz de fazer seu avião, muito mais belo, eficaz, ele voa!

**Jean-Paul Dollé:** Você acha que é responsabilidade dos arquitetos e sua, em particular, de levar em conta a situação econômica e social do país em que eles trabalham?

**Joaquim Guedes:** Certamente. Nós estamos todos envolvidos e somos responsáveis. E, ainda se levando em conta o fato de que não somos os donos do mundo. A questão dos meios econômicos é central. Não sei. Não vejo no momento, nenhuma saída revolucionária, nenhum milagre. Pense, em vinte anos São Paulo passou de 4 milhões

para 12 milhões de habitantes, triplicando o número de habitantes em consequência das intensas migrações.

É preciso pensar nos transportes públicos, no emprego, na escola, na saúde, nos serviços urbanos, cidade-meio ambiente. Quando as pessoas, numa cidade como São Paulo, encontram um lugar para fazer um pequeno casebre onde morar, elas agradecem ao Bom Deus. Porque, em geral, esses imigrantes lavam suas roupas na rua e ali dormem. É dessa verdade que falamos. Creio que a sociedade progride a cada dia, impulsionada por suas contradições, do constrangimento da verdade.... Gostei desta frase. Dentro desse movimento permanente temos um papel: o arquiteto pode construir. E a arquitetura organiza os valores universais: economia, sociedade, espaço, cultura, civilização.

**Jean-Paul Dollé:** Passemos ao ensino. O que é para você ensinar arquitetura?

**Joaquim Guedes:** Nosso ensino está em situação dramática. Nossa faculdade está lotada de disciplinas periféricas à arquitetura. Dentre os 165 professores, somente 18 ensinam "Projeto de arquitetura urbana". Os outros: história, técnica, programação visual, desenho industrial, paisagem, sociologia, economia, arte e estética. No último ano do curso, sou responsável pelas aulas teóricas e práticas considerando o edifício em si, como parte integrada à cidade, onde produz espaço, paisagem e caráter.

Nós queremos chegar a uma melhor compreensão das relações entre arquitetura, cidade, cultura, sociedade, identidade, modernidade ou atualidade que devem ser expressos no projeto final.

Nós nos concentramos assim sobre o processo mental e operacional da invenção do projeto de edificações enquanto projeto urbano ou do projeto urbano como sistema integrado de edificações, a partir do pleno conhecimento dos problemas futuros. Estabelecemos como ideia-chave da pedagogia que:

- A forma não segue necessariamente a função. Mas a arquitetura se funde sobre dois princípios: (a) deve resolver um conjunto de necessidades práticas de um cliente, público ou privado; (b) criar uma ordem inteligível que ultrapasse a simples solução de suas necessidades.
- Há sempre um cliente e seu programa.
- O arquiteto faz um programa ampliado que é uma interpretação arquitetônica e complementar do programa do cliente.

A falta de professores nos fez romper com a antiga relação individual professor-aluno, substituindo-o por seminários onde todos os aspectos descritos são analisados a partir dos trabalhos, com seus problemas, dificuldades e resultados parciais que se desenvolvem segundo as etapas dentro das quais se divide a execução do projeto.

Primeira etapa. Análise sistemática e completa do programa e dos problemas ligados ao tema. Estudo do sítio, dos aspectos urbanos, ensaio de uma teoria do aluno para seu projeto. Desenhos exploratórios, possibilidades, primeiras ideias.

Segunda etapa. A partir das ideias, teorias e referências dimensionais, funcionais e construtivas da primeira etapa, pesquisa de subsistemas de espaços que organizam o programa como arquitetura.

Terceira etapa. Concepção do anteprojeto, incluindo estrutura, escolha de materiais, imagens e sistema de detalhes que qualificam a concepção.

Quarta etapa. Verificação, confirmação, aprofundamento, fim do anteprojeto, com todos os seus elementos gráficos, maquete e justificativas.

O grande objetivo é sempre o desenvolvimento do caminho mental do aluno, no sentido da compreensão de sua tarefa na produção da arquitetura e do encontro de sua poética pessoal.